

## Associativismo-Cooperativismo no Semi-Árido Nordestino: Alternativa de Atendimento às Necessidades Sociais e ao Desenvolvimento social de comunidades rurais

Ana Cristina Brito Arcoverde

In: Em discussão: Desenvolvimento Social na Economia Globalizada, 1ª Edição.  
Recife. Editora Universitária da UFPE, 2007. V.1. pp.72-93.

### O cenário do semi-árido nordestino

Quatro comunidades rurais da região do semi-árido do estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil, vivem nas margens do rio Cupiti, bacia hidrográfica Pageú -Moxotó, e convivem com uma realidade marcada por muitas dificuldades – seca, descaso, desemprego, pobreza, exclusão e desigualdades sociais crescentes. A proximidade dos povoados a um rio não os livra de viverem e conviverem com a seca e suas conseqüências pois o Cupiti é um rio temporário. Os índices pluviométricos são irregulares e o clima é semi-árido quente.

Durante quatro anos de trabalho social na área nunca vimos água deslizar sobre o seu leito. O leito do rio Cupiti transformou-se ao longo do tempo em depósito de lixo urbano. A escassez de recursos hídricos e a baixa qualidade dos mesmos na região tornam atividades primárias, como a agricultura e o criatório, muitas vezes inviáveis. A necessidade de buscar alternativas, como a produção do carvão, que não exijam uma demanda de água significativa tem ocasionado na área rural a má utilização dos recursos naturais, contribuindo para a devastação da caatinga, a maior riqueza natural da região do semi-árido, e conseqüente processo de desertificação.

Os 345 domicílios e as famílias dos mil moradores das comunidades de Samambaia, Caiçara, Salgado e Fazenda Nova estão distantes da sede do município de Custódia 38 quilômetros, as estradas de acesso são de barro e não vem recebendo do governo municipal a atenção necessária. O mercado de trabalho local é restrito aos latifúndios, à secretaria de educação e de saúde da Prefeitura, que contratam por um salário mínimo (na época R\$ 260,00) professoras e agentes de saúde, nem sempre moradores dessas comunidades, para as quatro escolas do ensino fundamental das comunidades em foco, e uma fábrica de doces Tambaú que monopoliza o mercado de empregos, situada na sede do município. A inexistência de um mercado e trabalho que absorva a mão de obra local torna o desemprego uma situação permanente e provoca a migração dos mais jovens para áreas mais atrativas. A taxa de analfabetismo é elevada e chega até 30% da população que permaneceu no local e que é heterogênea, ou muito jovem ou com idade avançada. Em geral, a população sobrevive da aposentadoria que alguns percebe, do fabrico de carvão por outros, da agricultura de subsistência e da caprinocultura.

A população é predominantemente feminina, e apresenta grau de parentesco muito próximo. O comércio local é restrito a uma venda cuja maior procura é a bebida alcoólica que reúne os

homens e desempregados no final do dia, mas também cristaliza situação de dependência que exige intervenção social. A infra-estrutura é restrita a uma escola de ensino fundamental por comunidade, um posto de saúde pouco freqüentado por médico e enfermeira sem materiais e medicamentos para atendimento que ultrapasse cuidados primários ou de primeiros socorros. A maioria das demandas de atendimento médico é encaminhada para a sede do município. A comunidade de Samambaia possui uma ambulância que faz o transporte, e em cada povoado encontramos uma igreja católica e um templo evangélico. A religiosidade é forte entre os moradores que cultuam São Sebastião e a terra que é do Santo. As relações internas ou a sociabilidade nas quatro comunidades, apesar de primárias, é problemática no cotidiano das populações e determina em parte as dificuldades no travar relações externas que com aquelas compõem simbioticamente uma rede social que merece atenção especial para poder num futuro próximo produzir uma base sólida e permanente ao desenvolvimento social, econômico e político dessas comunidades do semi-árido. A mentalidade e o comportamento são típicos e, ou dependentes do poder da fé e do governo local, que tem no prefeito do Partido da Frente Liberal seu líder máximo. A apatia e a consciência mágica caracterizam a visão de mundo e o comportamento frente à realidade e sua interpretação. Quando do diagnóstico social a população da área piloto afirmou: “o pobre só espera, o lugar é parado e não ajuda, não existe associação local, desconhecemos o significado de uma associação, da capacidade articuladora de uma organização e da força que ela pode representar para a população nas lutas por melhores condições de vida e no atendimento das necessidades”.

Ora, a ausência de organização em uma sociedade expressa sua pobreza política, pois as associações conferem consistência às práticas democráticas e contribuem para a busca do atendimento de necessidades e melhoria das condições de vida em comunidades. O rompimento das pobreza política, social e econômica pela luta intensa exigem participação contra os entraves ao desenvolvimento do associativismo. Para tanto, tornou-se necessário reforçar a construção de uma base associativa que trabalhe com, mas resista às interferências políticas externas contrárias aos interesses de todos ou das comunidades, e que independam de agentes externos, que saibam negociar e articular os interesses próprios com os outros grupos e parceiros, que captem, reivindiquem e fiscalizem os recursos para a melhoria de todos, que enfim realizem a cidadania social.

### **Associativismo e cooperativismo no trabalho social em cooperação internacional para o atendimento de necessidades e desenvolvimento social de comunidades rurais**

A vida em comunidade por mais primária que ela seja somente existe em função do capital social ou seja da capacidade de organização social fundamental para a produção, reprodução e convivência dos seres humanos nela reunidos. O estágio de organização social resulta da história de sua formação, da estrutura sócio-econômica e de determinantes conjunturais. Cada comunidade apresenta-se em estágio de organização social e política própria. A organização social e política por sua vez resultam da experiência associativa.

O associativismo é necessidade secular na história social, econômica e política das sociedades e consiste num processo aglutinador de pessoas em torno de objetivos bem definidos e, ou comuns. A produção e a reprodução marcam as formas mais conhecidas de organização: família, escola, trabalho, igreja e o Estado.

Mais recentemente objetivos diretos e, ou indiretamente vinculados aos de produção e reprodução conduziram a outras formas de associação que aparecem nos chamados novos movimentos sociais, os sindicatos, as associações de bairro, associações de moradores e trabalhadores rurais, as cooperativas, etc. Cada uma das formas de organização estabelece seus objetivos e em torno deles desenvolve suas ações. O engajamento é muitas vezes voluntário e, ou natural, seja para atendimento de necessidades básicas ou mesmo políticas; ou ainda tem na razão da busca de engajamento motivação oriunda ou provocada por agentes externos e por interesses individuais e, ou da comunidade mas que não tiveram força suficiente para provocar ação e, ou reação e prosperar. A descrença, a apatia, a experiência de subordinação, a cultura da dependência instalada e nutrida pela política assistencialista, clientelista e do favor no local constituem óbices ao despertar das comunidades para a força que constitui o capital social na direção da mudança.

Apesar dessa situação e condição os moradores dos distritos de Samambaia, Caiçara e povoados de Fazenda Nova e Salgado, todos localizados no município de Custódia, estado de Pernambuco no Nordeste do Brasil, encontraram, com o apoio da cooperação Canadá - Brasil, do trabalho social de assistentes sociais e estudantes do curso de Serviço Social da Universidade Federal de Pernambuco, no associativismo e cooperativismo a força e um dos caminhos para enfrentar e superar as necessidades sociais, econômicas e políticas, mas sobretudo o primeiro passo para transformarem sua realidade. Organização e participação passaram a ser meta-estratégia para o trabalho social e educativo na direção da busca e reforço de meios para a sobrevivência política, econômica e social dos moradores do semi-árido.

O associativismo e as cooperativas que resultam da mobilização e organização social conscientes fomentam o exercício da cidadania, constituem práticas democráticas, oportunizam a participação social e podem resultar em desenvolvimento humano e social local. Esse foi o pensamento de base do trabalho social realizado no âmbito do PROASNE – Programa de Água Subterrânea para o Nordeste do Brasil, fruto de cooperação técnica entre Brasil e o Canadá, apoiado financeiramente pela organização canadense CIDA.

Questões instigadoras acompanharam a equipe social durante o desenvolvimento do projeto “Conhecendo e mobilizando o social no Moxotó”: como é possível romper com a visão e o comportamento conformistas, subalternos e alienados em comunidades rurais nordestinas? Como melhorar as condições de vida dos moradores do sertão do Nordeste brasileiro?

A resposta aos questionamentos parece simples: mobilizando e reforçando a organização social para a participação que produza consciência da realidade, da força da união, e envolva a coletividade numa real comunhão de esforços em busca da superação das dificuldades e busca de melhorias. Mas, a cultura nordestina e brasileira tem no assistencialismo e clientelismo fortes traços

do populismo que se perpetua nos dias atuais via política e poder local nas cidades do interior do Estado de Pernambuco, e se constitui num obstáculo a ser superado. Mudança cultural é um processo lento mas possível através de ações educativas e da capacitação continuada da população em associativismo e cooperativismo no sentido da auto-gestão. O desafio teve início com a realização de diagnóstico sócio-ambiental participativo que construiu coletivamente o conhecimento do local e a agenda de ações a serem desenvolvidas com as comunidades.

Além do método de abordagem e reflexão sobre o ideal, o real e o possível, oficinas educativas habilitadoras das populações locais foram uma das estratégias de capacitação utilizadas para levar à ação e subsidiar a tomada de decisão quanto a solução frente às dificuldades a serem enfrentadas. Durante as oficinas de habilitação e constituição do capital social foram garantidos a participação e o respeito pelas decisões tomadas coletivamente, na eleição de prioridades e do como concretizá-las no tempo social. Nas oficinas cuidadosamente planejadas a equipe trabalhou a explicação, a facilitação da compreensão dos conteúdos, a orientação e conscientização da origem da força e partilha das responsabilidades sociais pela mudança social, além e, sobretudo, a natureza jurídica, composição, base da formação de um capital social e de sustentação econômica, objetivos, formas de gestão, remuneração, obtenção de recursos e suas destinações e meios de fiscalização de associações, cooperativas e empresas mercantis.

O monitoramento e a sistematização do conhecimento produzido permitiram descobrir que no horizonte de um projeto racional de mudança local, e logo, de saídas para o atendimento de necessidades sociais estão: a ruptura do imobilismo, a construção de sujeitos coletivos, o reforço da vontade crítica e da força social, união e unidade de pensamento ou mentalidade e ação, e a luta coletiva por melhores condições de vida.

### **Para um novo cenário no semi-árido nordestino**

Depois de pouco mais de três anos de trabalho na área (2002 a 2004) os resultados são possíveis de serem identificados: 1- a mobilização e a organização para a participação sedimentaram o trabalho social compreendido como apoio externo à força adormecida e podem ser instrumentos de mudança social, política e econômica; 2- apesar de viverem num mesmo tempo e espaços semelhantes os processos organizativos e a dinâmica social são heterogêneos. Cada comunidade apresentou particularidades e ritmos que foram trabalhados simultaneamente mas respeitados para que assumissem enquanto sujeitos as decisões e sustentassem as iniciativas concretizadas; 3- os moradores organizaram por si próprios e de forma autônoma a COOPEARTICA (Cooperativa de Artesanato de Caiçara e Salgado), o FRIGOSSAN (Abatedouro Coletivo de Samambaia) e associados levaram água para 50 famílias de Fazenda Nova via instalação de quatro caixas d'água e infraestrutura de encanação. Através de reuniões, assembléias e eleições de prioridades os moradores de Samambaia decidiram que era necessário organizar uma cooperativa de usuários de água, depois a perfuração de mais um poço e por último o abatedouro coletivo de frangos que aconteceu quase no final dos trabalhos na área.

Identificamos dois fatores que dificultaram a tomada de decisão: inicialmente o descrédito ou desconfiança quanto a realização de trabalho sem contra-partida da população e a existência de conflitos internos de interesses ou ausência de união política causados pelas experiências anteriores vividas. A superação dessas dificuldades pela população, no desenvolvimento do trabalho social, levou algum tempo, mobilizou recursos e depois retrocedeu, e somente foi possível quando os moradores tomaram conhecimento das iniciativas concretizadas noutras comunidades – “era preciso ver para crer”- apesar de manifestarem em determinados momentos uma consciência mágica; 4- os moradores de Caiçara e Salgado optaram pela organização da cooperativa de costura e artesanato. Saíram na frente e aproveitaram as habilidades já exploradas de forma individual. Nessa área as mulheres acreditaram e assumiram coletivamente a prioridade eleita e a sua conseqüente formação, legalização e funcionamento. Puderam, portanto, aproveitar melhor a oportunidade oferecida pelos agentes externos, inclusive no atendimento de necessidades de treinamentos e capacitações vinculadas ao trabalho em si, à gestão de cooperativas e à comercialização dos produtos, sem abrir mão do coletivo, traço marcante desde a decisão de unirem as mulheres do distrito de Caiçara e do povoado de Salgado na cooperativa, e da autonomia frente ao poder local; 5- a comunidade de Fazenda Nova por sua vez priorizou investir seu capital social na luta pela instalação de caixas d’água e conseqüente serviço de encanação. Pelo menos 50 famílias residentes relativamente distantes uma das outras possuem água encanada, tanto para uso doméstico como para uso na agricultura e na pecuária.

É preciso ressaltar que o formato organizativo – de cooperativa e seus princípios - foi escolha voluntária e consciente dos moradores frente à transparência do trabalho social, e conhecimentos sobre associação, cooperativa e empresa mercantil postos à disposição da população pela equipe social. Para os Assistentes Sociais e estagiários a troca de conhecimentos, as exposições de conteúdo dialogadas, os trabalhos e dinâmicas de grupo e as oficinas realizadas constituíram instrumentos facilitadores da participação que desperta a consciência e leva à ação em práticas produtoras das condições que possibilitam o perceber a articulação do cotidiano organizacional com as questões locais, estaduais, regionais e globais e identifica estratégias de enfrentamento dos mesmos de forma coletiva. No desenrolar da prática profissional da equipe social foi garantido o diálogo, as respostas a todos os questionamentos, linguagem clara e acessível, participação ampla. As cooperadas puderam ainda trabalhar alguns problemas gerenciais e se fortalecer diante de dificuldades familiares. A equipe social provocada pelos componentes da cooperativa negociou cursos de capacitação em técnicas de vendas qualidade da produção, negociação e comercialização da produção, tanto no sentido do aperfeiçoamento do trabalho realizado como no do próprio processo associativo. Atualmente, a COOPEARTICA possui sede própria, instrumentos de trabalho e condições de funcionamento. A busca de mercado para os produtos constitui novo desafio a ser superado pela cooperadas para que conquistem definitivamente seu espaço como produtoras associadas.

Apesar de não podermos atribuir ao trabalho de mobilização e reforço do associativismo realizado na área os resultados da eleição municipal em 2004, o fato é que o governo local saiu das mãos do PFL e passou ao candidato do Partido Progressista Liberal, que nas atividades de

encerramento do trabalho social procuramos negociar responsabilidades com a continuidade da COOPEARTICA sem dependência de qualquer natureza.

Os moradores já reconhecem, atualmente, o significado e a capacidade articuladora de uma organização ou da organização no caminho da mudança, ainda que restrita. Na avaliação final do trabalho social foi possível constatar em diversos ângulos e com as palavras dos próprios moradores as pequenas mudanças que podem contribuir, ao nosso ver, para um novo cenário político, econômico, ideológico e social no semi-árido.

No âmbito da troca de conhecimentos podem-se constatar nos depoimentos o que a população identifica como contribuição à visão de mundo: “aprendemos novos conhecimentos e coisas novas, obtivemos esclarecimentos e construímos propostas interessantes”. “Trocamos informações, as palestras eram muito boas, a equipe social nos ensinou a usar, manusear, tratar, racionalizar e gerir a água”. “Aprendemos hábitos de higiene e a realizarmos o tratamento do lixo”. “Aprendemos a tomar providências, realizarmos práticas de prevenção de doenças como a dengue e a realizar o atendimento ou providenciar o socorro para situações emergenciais”. “Aprendemos que somos capazes, e capazes de realizarmos diversas atividades para o futuro”!

Quanto a vivência e aprendizado da participação, os moradores das quatro comunidades se expressaram da seguinte forma: “nos ficamos por dentro das coisas, participamos das reuniões, tomamos a decisão na escolha da obra a ser realizada e trabalhamos na sua construção, trabalhamos e produzimos na cooperativa, somos membros da cooperativa, fazemos parte, somos parte, contamos as casas, compramos o material, escavamos os canos, construímos as caixas d’água, cavamos e instalamos os canos d’água, assumimos o projeto. Mudamos a forma de pensar o coletivo, tivemos novos objetivos, conseguimos fazer algo para ver se muda a cabeça das pessoas, antes carregávamos água no boi hoje temos água encanada em casa”.

Especificamente sobre o reforço da organização social, a população afirmou que: o trabalho social “despertou a curiosidade de um morador com o outro, despertou a união entre os moradores, aprendemos a união entre agente, que muitos têm mais força do que um só, despertou o pensar positivo de que juntos somos mais fortes, provocou a necessidade de nos reunirmos, de tomarmos decisão em grupo e da decisão ser de muitos, e nos fez descobrir a necessidade de união na comunidade. Agora podemos pensar e saber que somos capazes de fazer algo por nos mesmos. Aprendemos a vender, tratar os clientes, melhorar a qualidade da produção, trabalhar com os outros, obter ganhos materiais,. Hoje, estamos melhores do que antes do PROASNE ter vindo para cá. Mudamos a forma de pensar um projeto, gerou novas perspectivas, as pessoas se conscientizaram mais, ajudou o associativismo, a montar empreendimentos que trouxeram melhoria de trabalho e renda, não precisamos depender de ninguém, descobrimos que aqui tem algo bom, mas as pessoas precisam ser mais organizadas. É pena que o trabalho social terminou e que a equipe não vem mais, mas nos estamos aqui!”

Finalmente, os moradores das comunidades de Samambaia, Caiçara, Salgado e Fazenda Nova aceitam o apoio externo desinteressado, descobriram que o associativismo e o cooperativismo

constituem uma alternativa ao atendimento das necessidades e desenvolvimento sustentável no semi-árido nordestino, e que podem dar ânimo, renovar esperanças, e despertar vontades adormecidas pela mesmice.

### **Bibliografia**

AMMANN, Safira B. Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil. São Paulo, Cortez, 1991.

ARCOVERDE, Ana Cristina Brito et alii. Relatórios técnicos do trabalho social realizado na área Piloto do PROASNE em Pernambuco. Editoração dos autores, Recife: 2000-2005.

\_\_\_\_\_. O Coletivo Ilusório. Uma reflexão sobre o conceito de comunidade. Recife: Editora Universitária, 1984.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro: heranças e urgências, Rio de Janeiro: Revan, Fase, 2000.

BENEVIDES, M. Vitória. A cidadania ativa. São Paulo: Ática, 1991.

BOSCHI, Renato Raul. A arte da associação. São Paulo: Vértice, 1987.

CAVALCANTI, Enoque Gomes, Geo-economia do semi-árido irrigado: a experiência de Petrolina sob o enfoque da sustentabilidade do desenvolvimento. Recife: Editora Universitária, UFPE, 1997.

CNPQ/CHESF/Programa Xingo. Relatório técnico – estudo diagnóstico: aspectos da realidade sócio-educacional da área de abrangência do Programa Xingó, 1998.

GOHN, Maria da G. Associações e mutirões comunitários: formas de organização popular, In: Serviço Social & Sociedade 28, ano IX, São Paulo: Cortez, 1988.

\_\_\_\_\_. Reivindicações populares urbanas. São Paulo: Cortez, 1982.

GOMES, Gustavo Maia et alii. Desenvolvimento sustentável no Nordeste. Brasília: IPEA, 1995.

IAMAMOTO, Marilda V e Carvalho, Raul de. Relações sociais e Serviço Social no Brasil, São Paulo: Cortez, Celats, 1982.

LIMA, Rosa Maria Cortês de, Chaves, Helena Lúcia Augusto et Arcoverde, Ana Cristina Brito. Conhecendo e mobilizando o social no Moxotó, PROASNE, Cooperação Canadá-Brasil, Recife, 1999.

LIMA, Sandra A. Barbosa. Participação social no cotidiano. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

OLIVEIRA, Eleni Crisóstomo de e Silva, Josenice Oliveira da. O eu e o nós: quem prevalece na luta por melhores condições de vida? Recife: UFPE, 2000.

OLIVEIRA, Márcia M. G de e Severo, Renata Ramos. Prática educativa do Serviço Social - interdisciplinaridade e preservação ambiental, construindo o desenvolvimento sustentável de comunidades rurais do sertão pernambucano. TCC do curso de Serviço Social da UFPE, Recife, 2002.

SILVA, Alexiane Coelho e Oliveira, Jannine Gomes. O processo participativo nas associações de moradores de Pirauá e de Uruçu – Macaparana/PE. Recife: UFPE, 1999.

VIOLA, Eduardo J. et alii. Meio ambiente, desenvolvimento e cidadania: desafios para as ciências sociais. SP: Cortez, Florianópolis, UFSC, 1995.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. Educação e cidadania, In: Revista Serviço Social e Sociedade 62, São Paulo: Cortez, 2000.